



Paulo Noronha

Mãe Canguru

Nova estrutura aprimora atendimento da Maternidade do HU (Pág. 7)



Acervo NDI

Boi-de-mamão

Núcleo de Desenvolvimento Infantil lança CD (Pág. 10)

PORTE PAGO
99129-5/2001 - DR/SC
UFSC
CORREIOS



JORNAL Universitário

Universidade Federal de Santa Catarina - www.ufsc.br - Junho de 2005 - Nº 372



Paulo Noronha

Observatório Astronômico

Inauguração beneficia atividades de ensino, pesquisa e extensão

A UFSC já tem o seu Observatório Astronômico. Inaugurado no mês de maio, o observatório tem dois telescópios de 25 centímetros, para pesquisas e atendimento ao público. Os equipamentos permitem a visualização de planetas e seus satélites, os anéis de Saturno, as calotas polares em Marte, as crateras e montanhas lunares com detalhes, cometas, estrelas binárias e múltiplas, aglomerados de estrelas, nebulosas e galáxias vizinhas. Um dos telescópios já funcionava na instituição e o outro é um equipamento de alta precisão, que permitirá trabalhos com maior qualidade. (Página 6)

Projetos da UFSC
são premiados
Pág. 4

Estudo indica
benefícios do Mate
Pág. 8

Urucum substitui
corantes artificiais
Pág. 9

Victor Lopes
na UFSC
Pág. 10

Ao leitor

Esta edição do JU apresenta o Selo Comemorativo desenvolvido para homenagear os 45 anos da UFSC. Além de matérias que mostram o reconhecimento de projetos desenvolvidos na universidade, que foram premiados em diferentes concursos. Uma série de reportagens revela a maturidade da UFSC no campo da pesquisa. No espaço para a cultura, você vai saber dos trabalhos desenvolvidos pelo Grupo de Dança Folclórica da Terceira Idade e pelo NDI, além do debate com o cineasta Victor Lopes. As sessões de livros são uma vitrine da produção cultural e científica da instituição. A relação da universidade com a comunidade é assunto das duas matérias centrais, destacando a inauguração do Observatório e o aprimoramento do serviço prestado pelo HU por meio do Projeto Mãe Canguru. Na próxima edição, você vai conhecer o projeto de interiorização da UFSC, mais uma ação que revela o momento de maturidade no qual a UFSC se encontra.

Alita Diana

Expediente

Elaborado pela Agência de Comunicação da UFSC
www.agecom.ufsc.br
agecom@edugraf.ufsc.br

Endereço:

UFSC - Agecom - Campus Universitário - CEP 88040900 - Trindade - Florianópolis - SC - Fones: (48) 331-9233 e 331-9323 Fax: 331-9684

Redação:

Alita Diana (Coordenadora)
Arley Reis (Jornalista)
Artemio R. de Souza (Jornalista)
Celita Campos (Jornalista)
José A. de Souza (Jornalista)
Julia Fecchio (Bolsista)
Anderson Porto (Bolsista)
Beatriz Ferrari (Bolsista)
Talita Garcia (Bolsista)
Willian Vieira (Bolsista)

Fotografia e Arq. Fotográfico

Jones J. Bastos,
Ledair Petry,
Paulo Noronha,
Tania R. de Souza

Editoração:

Jorge Luiz Wagner Behr

Secretaria:

Beatriz S. Prado
Sônia Xavier da Silva
Romilda de Assis

Impressão:

UFSC - Imprensa Universitária

Selo Comemorativo

Nos próximos dois meses, o novo Selo Comemorativo da UFSC, desenvolvido para homenagear os 45 anos da universidade, já estará presente nos sites da Administração Central e nos materiais de divulgação. O selo comemorativo – lançado no dia 10 de maio pelo reitor Lúcio Botelho e já disponível na página da UFSC, sintetiza alguns objetivos: fortalecer e padronizar a imagem da UFSC, facilitando a comunicação com a comunidade universitária, fornecedores e a sociedade em geral. O brasão oficial continuará sendo utilizado para os diplomas, certificados e outros documentos oficiais. Segundo o arquiteto e designer Vicenzo Berti, criador do selo comemorativo, o brasão oficial tem mais de 300 elementos gráficos, alguns deles bastante complexos, o que dificultava sua reprodução nas gráficas e, sobretudo, na execução manual. O novo selo é mais simples, com elementos reproduzíveis com um lápis, régua e um compasso, além de um aspecto mais arrojado. Contudo, a memória da universidade foi mantida. Buscando preservar a memória afetiva de funcionários e outras pessoas ligadas à história da UFSC, a nova marca mescla os elementos característicos da bandeira e do brasão, maiores símbolos da instituição, criados respectivamente por Hiedy de Hassis Correa, em 1971, e Oswaldo Rodrigues Cabral, em 1976. Na página do projeto (www.agecom.ufsc.br/identidadevisual), está disponível uma



animação que demonstra, em cerca de um minuto, como foi construído o Selo Comemorativo. Nos próximos meses, a Administração Central já estará trabalhando com a nova identidade.

Esta deve ser expandida, até o fim do ano, para os outros órgãos da universidade, até alcançar a meta de que a UFSC possa se comunicar de forma mais efetiva com seu público,

Willian Vieira
Bolsista de Jornalismo / Agecom

Ouvidoria em novo local

Pode-se dizer que agora as revoltas, lamentos e sugestões dos servidores, alunos e professores da UFSC, serão melhor ouvidos. Desde o começo deste mês de maio, a Ouvidoria da UFSC ganhou novas instalações. Está localizada no hall do prédio da Reitoria, antiga Emcatur (Empresa Catarinense de Turismo). Desta forma, conforme o ouvidor, Arnaldo Podestá Júnior, mais à vista das pessoas, a Ouvidoria ficará mais conhecida.

Criada em 1996, pela Portaria 671, do Gabinete do Reitor, a Ouvidoria atendendo a comunidade universitária trata de assuntos diversos. “Até mesmo de alguns assuntos particulares, mas neste caso a pessoa é encaminhada ao setor que realmente vai poder ajudá-la”, esclarece Podestá. São os alunos que mais procuram a Ouvidoria, ou porque sentem-se

perseguidos pelos professores ou pela falta de segurança no Campus. Mas aparecem também reclamações contra a fila do Hospital Universitário, os trotes aplicados e denúncias. Para estas denúncias, nunca anônimas, o nome do denunciante é resguardado. “Guarda-se sigilo enquanto apuram-se os fatos e verificamos os conflitos”, esclarece o ouvidor, sempre seguindo as normas e procedimentos da Ouvidoria. “É muito difícil deixarmos alguém sem resposta. Estamos aqui para tentar solucionar muitos dos casos que acontecem na UFSC”. A Ouvidoria também atende pelo telefone 331-9020. Possui também o e-mail: falecom@ouvidoria.ufsc.br e o site www.ouvidoria.ufsc.br

Celita Campos
Jornalista / Agecom

Danças folclóricas em DVD

O Grupo de Dança Folclórica da Terceira Idade da UFSC está lançando o primeiro DVD com apresentações de danças como Farinhada, Balaio e Dança das Rendeiras. O DVD Danças Folclóricas do Litoral Catarinense apresenta um breve histórico do grupo e também mostra as coreografias de outros tipos de dança como Jardineira, Ratoeira, Recordando Nossa Gente, Pau-de-Fita e Arcos-de-Flores. A gravação foi feita por Jones João Bastos, da Agência de Comunicação da UFSC - Agecom. Ele foi responsável por toda a filmagem e, junto com a coordenadora do grupo e professora do Centro de Desportos, Marize Amorim Lopes, fez a edição do material. A produção do DVD durou seis meses e teve o apoio do Centro de Desportos (CDS), do Núcleo de Estudos Açorianos da UFSC (NEA) e da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão (PRCE).

Fundado em 1989, o Grupo de Dança Folclórica da Terceira Idade é composto por 30 pessoas, com faixa etária entre 50 e 84 anos, e oito músicos. A principal preocupação do grupo é preservar e documentar o acervo cultural da etnia portuguesa com base açoriana. Além disso, participa de vários festivais de folclore em diferentes regiões do Brasil e em outros países. O grupo já apresentou o repertório de coreografias folclóricas que possui atualmente na Amazônia, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e até no Paraguai e Argentina.

O grupo participa efetivamente do Conselho Consultivo do Núcleo de Estudos Açorianos e ainda oferece treinamento e consultoria em figurinos folclóricos, músicas e coreografias a grupos de folclore de todo o litoral do Estado. O grupo também tem um CD com músicas folclóricas: Cantando a Cultura de Ilhéu e Litoral Catarinense.

Inicialmente serão vendidos 1000 cópias do material, com preço de R\$ 20,00. O lançamento do DVD, Danças Folclóricas do Litoral Catarinense, acontece dia 21, às 19h30min, no Auditório da Reitoria da UFSC.

Julia Fecchio
Bolsista de Jornalismo / Agecom

Discriminação positiva

A sociedade brasileira se encontra hoje dividida entre a proteção aos direitos individuais e a importância da defesa dos direitos coletivos. A discussão sobre a implementação de políticas de ações afirmativas também fomenta essa reflexão.

De fato a situação da população negra no Brasil demonstrada amplamente por dados estatísticos de instituições governamentais e não-governamentais nos faz refletir sobre a necessidade do desenvolvimento de políticas públicas específicas para este grupo. Grupo este que embora seja praticamente metade da população brasileira, 46% segundo os dados do IBGE do senso de 2002, continua compondo o setor das chamadas minorias políticas.

Isso porque os negros brasileiros não têm as mesmas oportunidades de desenvolvimento dos não negros, sendo este um fator gerado pelo racismo perpetuado em nossa sociedade há mais de 500 anos.

Neste sentido não podemos ignorar a história, tampouco o presente, e é neste contexto que se discute a implementação das ações afirmativas e conseqüentemente das cotas para negros em diversos setores.

A Universidade foi o primeiro setor a ser incluído nesta política, tendo como exemplo pioneiro a UERJ, no Rio de Janeiro, que em 2002 através de lei estadual estabeleceu cotas para negros e estudantes oriundos de escolas públicas para todos os cursos ministrados até então.

Num primeiro momento reservar vagas especiais para determinados grupos pode parecer injusto ou até mesmo inconstitucional. Porém analisado o contexto onde apenas 2% dos negros brasileiros conseguem ingres-

sar na universidade, em que 90% dos pobres são negros, e ainda onde um negro tem em média 2,5 anos a menos de estudo do que uma pessoa branca, não parece racional que uma política que se proponha a mudar essa situação possa ser uma política negativa para nossa sociedade.

É neste momento que o direito coletivo deve se sobrepor ao direito individual, já que as únicas pessoas contra a implementação destas cotas são as mesmas que vêm se beneficiando desse sistema excludente, racista e discriminatório.

Até o momento nenhuma tese lógica apresentou argumentos coerentes contra as cotas. O que vemos é um festival de "achismos" e opiniões que nada mais fazem do que externar o pensamento comum de que os "acordos" firmados no Brasil colônia não devem ser mudados.

O que não se percebe é que o subdesenvolvimento de alguns grupos em nada acrescenta ao desenvolvimento da sociedade, só mantém o ciclo do poder de uns poucos oprimindo a maioria.

As cotas chegam para socializar conhecimentos, ampliar os espaços, promover a diversidade e só por estes motivos já poderiam ser consideradas legítimas na medida em que enriquecem a sociedade.

As mudanças não irão ocorrer com a evolução da humanidade, levando em conta que as diferenças entre o período da escravatura, e o pós-abolição, não causaram um impacto suficiente para colocar os negros em igualdade de condições com os não negros, um dos motivos certamente podemos afirmar é a manutenção da ideologia racista que afeta a todos nós.

Por outro lado as mudanças na educação são e serão sempre bem-vindas e seguramente serão um fator

preponderante para o desenvolvimento da população negra brasileira, mas devemos pensar que esse é um projeto de longo prazo que envolve diversos setores da nossa sociedade.

As cotas na sociedade brasileira não são uma política nova. Existem leis que estabelecem cotas para deficientes físicos, mulheres, e até trabalhadores brasileiros. Basta uma rápida pesquisa para encontrar essas políticas funcionando a todo vapor, sem que até o momento nenhuma contestação tenha sido feita pela sociedade.

Mas se é constitucional reservar vagas para mulheres, porque não seria para negros? Essa é uma pergunta para o subconsciente de cada um. Mas a resposta é simples, o racismo faz crer que os negros não são sujeitos de direito e por isso nenhuma política direcionada para este grupo pode ser considerada legítima.

As cotas são um caminho comprovadamente eficaz de aceleração do desenvolvimento da população negra através do ingresso na universidade, o que colabora com a inclusão destes na sociedade e nas relações cotidianas.

Concluimos, portanto, que as ações afirmativas são um caminho legítimo, eficaz e possível para que possamos vivenciar a médio prazo uma sociedade mais plural, diversa, onde os seres humanos poderão conviver de forma fraterna e solidária em igualdade de condições e oportunidades.

Flavia Lima
Coordenadora do Programa
de Justiça do NEN
- Núcleo de Estudos Negros

Flávia Helena de Lima Advogada, pesquisadora na área de Direitos Humanos, bolsista do Instituto Interamericano de Direitos Humanos para os trabalhos relacionados à Assembléia Geral da OEA e Comissão Interamericana de Direitos Humanos, capacitada para trabalhar com mecanismos internacionais de Direitos Humanos da ONU e da OEA. Foi palestrante do evento Sistemas de Cotas no Ensino Superior, do projeto Dialética em Ação, promovido pelo Centro Acadêmico XI de Fevereiro, do Curso de Direito da UFSC.

Design premiado

Núcleo da UFSC é contemplado no prêmio Design Catarina

Três projetos do Núcleo de Gestão de Design, ligado ao Departamento de Expressão Gráfica da UFSC, receberam o prêmio Design Catarina – MPE (Micro e Pequena Empresa). A premiação será concedida no Simpósio Internacional Empresa & Mercado e Design que acontece nos dias 25 e 26 de agosto, no Costão do Santinho, em Florianópolis. Os projetos contemplados são o Embalagem Premium para Cachaça Beleza, o Cachaça Hermes de Ré – O Design em Produtos da Agricultura Familiar e Agrupar: produtos rurais e design. Além desses, um terceiro projeto, Valorização de Produtos da Agricultura Familiar – Caso Beleza, vai receber o diploma de Menção Honrosa.

Baseados no fato de que os produtos alimentícios catarinenses provenientes da agricultura familiar não conseguem se destacar no mercado, estudantes e profissionais do Núcleo de Gestão de Design da UFSC desenvolveram o projeto que visa a valorização desses alimentos com a criação de embalagens, rótulos e logotipos capazes de destacar e diferenciar esses produtos dos concorrentes. No caso da Cachaça Beleza, da Beleza – Indústria de derivados da Cana-de-Açúcar, de Itapiranga, em Santa Catarina, foi desenvolvida uma embalagem premium, que a realça em relação às concorrentes como sendo de alta qualidade. Além disso, a nova embalagem da cachaça também proporciona maior proteção do conteúdo e a deixou mais apresentável até para ser um presente.

A Cachaça Hermes de Ré, produ-

zida pelo senhor Hermes de Ré, de Palma Sola, até então era comercializada em garrafas plásticas de refrigerante (PET) e não possuía um rótulo que a diferenciava das demais cachaças produzidas de forma artesanal. A cachaça era conhecida como “cachaça da lomba”, uma referência à residência do senhor Hermes, que fica no alto de um morro. O projeto para a Hermes de Ré deu identidade visual nova à cachaça. Agora ela é comercializada com a nova embalagem, passou das garrafas de PET para uma garrafa de 700ml, com tampa plástica na cor prata e um rótulo adesivo. Esta nova embalagem será apresentada na próxima Feira Internacional de Embalagens de São Paulo (Fispal) e no II Seminário da Qualidade da Cachaça 2005.

O terceiro premiado, referente à Agrupar – Associação de Grupos de Pequenos Agricultores de Canoinhas e Região, já foi tema de matérias no programa de televisão Globo Rural, no Canal Futura e na revista Globo Rural. A RBS TV de Santa Catarina também noticiou a respeito do projeto. Foi criado um selo de identificação para ser aplicado em todos os produtos do grupo, contendo a marca e a origem dos mesmos. Além disso, o projeto buscou alternativas para melhorar a aparência das feiras e barracas onde eram comercializados os alimentos. Aventais, bonés, camisetas e material para divulgação e esclarecimento das características dos produtos foram pensados juntamente com novos rótulos, visando a inserção do grupo em outros pontos de venda.

O projeto que deve receber a Men-



Cachaça Beleza é valorizada com nova embalagem

ção Honrosa também envolve a indústria Beleza e desenvolveu a identidade visual comum a todos os produtos Beleza (cachaça, melado e açúcar mascavo). As cores e os tons usados nos rótulos lembram os produtos como o melado e o açúcar. O tipo de letra usado no nome Beleza remete à origem germânica de Itapiranga. Para o rótulo das cachaças as cores escolhidas foram a prata e a dourada. Foi também proposto usar a imagem do alambique do grupo no rótulo das embalagens. Alguns supermercados já manifestaram interesse em comprar a cachaça depois da mudança de aparência pela qual passou sua embalagem e rótulo.

Todos os projetos fazem parte de um maior, chamado Valorização da Agricultura Familiar através do Design, que tem como coordenador o professor Eugênio Merino, da UFSC. O projeto foi realizado com o apoio do Instituto de Planejamento e Economia Agrícola de Santa Catarina (CEPA), que através de um técnico mantém contato com os produtores, e a Secretaria da Agricultura do Estado de Santa Catarina.

Os projetos foram elaborados de maneira a usar materiais recicláveis ou reaproveitáveis quando possível, como o papelão e o alumínio. A parceria entre a UFSC, o Instituto CEPA e a Secretaria da Agricultura possibi-

litou o pagamento de bolsas para os estudantes envolvidos com os projetos, além de viabilizar as viagens e os equipamentos necessários para o Núcleo de Gestão de Design da universidade.

Em sua primeira edição, o Design Catarina foi composto por um júri internacional convidado para selecionar os melhores trabalhos inscritos. Poderiam participar as micros e pequenas empresas estabelecidas legalmente no estado de Santa Catarina, em duas categorias: design gráfico e design de produtos. O júri teve a tarefa de escolher 12 trabalhos, entre os 53 inscritos, que vão receber o troféu de premiação, além de outros 23 que devem ser contemplados com a menção honrosa.

O prêmio, promovido pelo Centro de Design do Instituto Euvaldo Lodi (IEL), quer estimular os micros e pequenos empresários a usar o design como uma ferramenta capaz de aumentar a competitividade dos seus produtos nos mercados onde estão inseridos.

Talita Garcia
Bolsista de Jornalismo / Agecom

Trabalho de Conclusão do Curso de Farmácia é reconhecido em SP

Um projeto da UFSC ficou em primeiro lugar no 5º Congresso da Sociedade Brasileira de Farmácia Hospitalar (Sbrafh). O estudo foi desenvolvido pelas alunas Arline Cybelle Barcellos Faccin, Paula Heidy Aguilera Fuentes e Francine Borges Oliveira, sob a orientação do professor Valdecir Maria Laura, como Conclusão do Curso de Farmácia.

Elas criaram, a partir de dados coletados no HU, pelo Programa de Farmacovigilância, um formulário que estabelece critérios para a elaboração e aplicação de medicamentos injetáveis. Francine comenta que os

profissionais responsáveis por esses trabalhos têm dificuldade de acesso a conhecimentos técnicos específicos e por isso não seguem regras pré-estabelecidas. “Eles baseiam-se apenas em suas experiências pessoais, e um erro na execução desses procedimentos pode causar o aparecimento de reações nos pacientes”, explica.

O formulário ainda não foi amplamente distribuído, mas está em teste dentro do HU. Segundo Francine, as técnicas estabelecidas também podem se difundir por meio de profissionais que entram em contato com o

material no HU e depois o utilizam em outros hospitais. Porém, ela comenta sobre a dificuldade em interferir no trabalho das pessoas e fazer com que reestruturem os métodos com os quais já estão acostumadas.

O fato de o trabalho ter sido escolhido entre os 31 inscritos na categoria graduação, demonstra a carência desse tipo de material em todo o país. No Brasil não existem estudos que demonstrem os prejuízos causados pela falta de padronização nos procedimentos de elaboração e aplicação de medicamentos nos hospitais. Nos EUA, por exemplo, estima-se um gas-

to entre 17 e 29 bilhões de dólares com problemas conseqüentes de erros na medicação dos pacientes.

A Sociedade Brasileira de Farmácia Hospitalar, criada em 1997, é a principal organização dos farmacêuticos hospitalares no país. No Congresso, realizado entre 14 e 17 de maio, em São Paulo, concorreram 173 trabalhos, divididos em quatro categorias. Trinta e um competiram na categoria graduação.

Júlia Fecchio
Bolsista de Jornalismo / Agecom

Conquista nacional

Equipe integrada por professores da UFSC vence concurso público nacional

O escritório de arquitetura Studio Methafora & Arquitetos Associados, de Florianópolis (SC), venceu o concurso público nacional de arquitetura e urbanismo para construção de shopping center, com área total de construção aproximada em 30 mil metros quadrados. A equipe do escritório que elaborou o anteprojeto vencedor é formada, em sua maioria, por professores e alunos do Departamento de Arquitetura da UFSC. Além do prêmio de R\$ 30.000,00 para o 1º lugar, o escritório assinará contrato para executar o projeto, orçado em R\$ 320.000,00.

O objetivo do concurso público foi selecionar a melhor proposta de solução arquitetônica para reforma e ampliação do Centro Administrativo da Unisinos (Universidade do Vale do Rio dos Sinos), no campus do Município de São Leopoldo/RS. O concurso foi organizado pelo Instituto dos Arquitetos do Brasil – Rio Grande do Sul (IABRS) e promovido pela Unisinos. Participaram do concurso 37 projetos, inscritos por arquitetos de 13 estados do

Brasil. O parecer da comissão julgadora, composta por arquitetos convidados (Paulo Bruna, professor da Faculdade de Urbanismo da USP; Miguel Angel Roca, professor das Faculdades de Arquitetura da Universidade Nacional de Córdoba e da Universidade Nacional de Buenos Aires e pelos arquitetos Júlio Ramos Collares, Fernando Duro da Silva e Renato Marques Fernandes) considerou a proposta apresentada pelo projeto do Studio Methafora como singular e “distante das atuais tipologias consumistas e mercantilizadas encontradas em edificações para shoppings”.

“É um marco histórico, em relação à arquitetura que favorece os relacionamentos e para que as coisas aconteçam”, afirma o professor da UFSC Michel de Andrado Mittmann. A comissão julgadora teve como um dos critérios de seleção a adequação das propostas inscritas às diretrizes conceituais da universidade, com destaque para o movimento Unicidade. Criado pela Unisinos, a Unicidade tem o objetivo de trazer a comunidade para dentro da universidade, estimular o

desenvolvimento regional e promover a formação do ser humano solidário.

O Studio Methafora mistura a geração de profissionais mais acostumados com as novas tecnologias com outros mais experientes. A equipe vencedora conta com quatro alunos de graduação em Arquitetura, e, para contra-balançar, conta também com a experiência do professor da UFSC Enrique Hugo Brena, um dos arquitetos associados ao Methafora. Brena elaborou, entre outros trabalhos, o projeto arquitetônico da Rodoviária Municipal Rita Maria e do prédio da Central Elétrica de Santa Catarina, na rodovia Ademar Gonzaga, em Florianópolis, e a Escola Técnica de Itajaí, em São José.

Para Brena, formado na Faculdade de Arquitetura do Uruguai, em 1965, o prêmio é motivo de grande felicidade, pois o concurso escolhe o vencedor através da qualidade do projeto inscrito e não por concorrência, o que iria privilegiar o projeto de menor orçamento de execução.

Ano passado a Unisinos promoveu outro concurso, este para reforma do Complexo Esportivo e da Arena

Multiuso da universidade, sendo o projeto do Studio Methafora o segundo colocado. A execução do projeto do shopping center aguarda a tramitação legal e liberação de verbas.

De acordo com a assessoria de imprensa da Unisinos, o público potencial do shopping é de 700 mil, compreendendo a população de 16 municípios, entre eles São Leopoldo, Sapucaia do Sul, Esteio, Novo Hamburgo, Portão, Campo Bom, Estância Velha, Dois Irmãos, Ivoti, São Sebastião do Caí e outros. De acordo com o levantamento feito pelo Instituto de Pesquisa & desenvolvimento de Mercado (IPDM), o shopping, com alcance regional, terá ancoragem de lojas nos ramos supermercadista, têxtil, cinemas e praça de alimentação. A previsão da Unisinos é que o empreendimento esteja funcionando a partir do segundo semestre de 2006.

Anderson Porto
Bolsista de Jornalismo /
Agecom

Estudos da Tradução

A primeira defesa de dissertação de mestrado da Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) da UFSC aconteceu no mês de maio. O trabalho “O uso do dicionário bilingüe português/espanhol no ensino fundamental do colégio Dom Jaime Câmara” foi desenvolvido pela aluna Priscilla Eger Teixeira, sob a orientação do professor Philippe Humblé. “Essa primeira dissertação é um marco histórico para a PGET, pois representa o início de uma mudança dos estudos de tradução, a partir da qual os alunos passam a ter um espaço científico para o estudo do tema no Brasil”, avalia a coordenadora do curso, professora Marie-Hélène Torres.

A PGET foi criada em setembro de 2003 com o objetivo de formar profissionais capacitados em atividades de pesquisa e magistério superior no campo da tradução. É o único programa de pós-graduação dessa área no Brasil. A coordenação do PGET ainda pretende, depois da primeira avaliação da CAPES, ampliar o programa com a criação de um doutorado.

Júlia Fecchio
Bolsista de Jornalismo /
Agecom

Jogos Universitários Catarinenses

Em maio, a equipe esportiva da UFSC, com 217 integrantes, conquistou, em Joaçaba, durante os 49º Jogos Universitários Catarinenses (JUC's), a terceira colocação geral por equipe. A competição foi classificatória para as Olimpíadas Universitárias, programada para acontecer em Recife, entre 17 e 26 de junho. Os atletas campeões pela UFSC na categoria individual, das modalidades de atletismo e de natação, estão pré-classificados para as Olimpíadas. O xadrez e o tênis marcaram ótima presença.

A delegação da UFSC, chefiada pelo professor Paulo Macedo, do Departamento de Educação Física, foi a maior que o JUC's recebeu. Também foi a maior que a universidade já formou – e contou com uniforme completo, com traje de passeio e de competição. Os gastos com transporte e com alimentação dos atletas, contabilizados em cerca de R\$ 24 mil, foram custeados pela Administração da UFSC.

Os enxadristas Ricardo França, campeão, e Guilherme B., vice, obtiveram classificação direta para as Olimpíadas, além de terem fortalecido a equipe de xadrez que conquistou o primeiro lugar geral masculino. A tenista Cássia Single foi campeã no tênis feminino e também conquistou vaga para as Olimpíadas. Na classifi-



Equipe esportiva da UFSC vem conquistando destaque

cação geral por equipe de tênis feminino, a UFSC foi a campeã.

No atletismo, a UFSC foi campeã nos 200 e nos 400 metros rasos, com o atleta Éder Ferrari. No salto triplo, Guilherme Pereira de Andrade conquistou a medalha de ouro. Na classificação geral por equipe de atletismo, a UFSC obteve o segundo lugar no masculino e no feminino.

Na natação, Manoela Soares e Marina S. foram campeãs nos 800 e nos 400 metros nado livre, respectivamente. Os atletas campeões nas modalidades de atletismo e natação

estão pré-classificados para as Olimpíadas, e podem ganhar - ou não - a confirmação das vagas, de acordo com índices estabelecidos pelas respectivas confederações. Se o resultado obtido em Joaçaba estiver dentro do índice, ainda não definido, eles conquistarão as vagas. Os recursos da universidade destinados para a participação da UFSC nas Olimpíadas ainda não foram definidos.

Anderson Porto
Bolsista de Jornalismo /
Agecom

Observatório Astronômico

Inauguração beneficia atividades de ensino, pesquisa e extensão

Paulo Noronha

A UFSC já tem o seu Observatório Astronômico. Inaugurado no mês de maio, o observatório tem dois telescópios de 25 centímetros, para pesquisas e atendimento ao público. Os equipamentos permitem a visualização de planetas e seus satélites, os anéis de Saturno, as calotas polares em Marte, as crateras e montanhas lunares com detalhes, cometas, estrelas binárias e múltiplas, aglomerados de estrelas, nebulosas e galáxias vizinhas. Um dos telescópios já funcionava na instituição e o outro é um equipamento de alta precisão, que permitirá trabalhos com maior qualidade.

O observatório está localizado ao lado do Planetário da UFSC. Também está instalada no local uma câmera fotográfica eletrônica, para produção de imagens astronômicas, e uma estação meteorológica. A construção do observatório contou com recursos da UFSC e da Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado de Santa Catarina (Fapesc).

Na inauguração o reitor da UFSC, professor Lúcio José Botelho, destacou a importância do Observatório, lembrando que abrir as portas e dar oportunidade para a comunidade ter acesso ao conhecimento é uma das principais funções da universidade pública. O reitor também ressaltou a importância da socialização da ciência e tecnologia para a sociedade e adiantou que a UFSC se prepara para a implantação de um Centro Interativo de Ciências.

De Olho no Céu de Floripa

O Observatório da UFSC vai permitir o desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão relacionadas ao estudo dos astros, coordenadas pelo Grupo de Astrofísica do Departamento de Física da UFSC. O local vai abrigar, entre outros, o projeto De Olho no Céu de Floripa, que há quatro anos é realizado pelo grupo. O projeto permite que qualquer pessoa participe de sessões de observação astronômica, realizadas sempre às quartas-feiras.

Os encontros aconteciam em um jardim interno do Centro de Ciências Físicas e Matemáticas da UFSC. Sem um local fixo, era necessário que os equipamentos usados nas sessões fossem carregados e montados ao ar livre. Agora serão usados telescópios fixos, já que o observatório tem uma cúpula com teto deslizante, que abre para permitir a observação das estrelas e fecha para proteger os equipamentos.

O projeto De Olho no Céu de



Telescópios permitem a visualização de planetas, satélites, aglomerados de estrelas e galáxias vizinhas

Floripa é gratuito e começa ao escurecer, com duas horas de observações. O Grupo de Astrofísica também recebe visitas de escolas, nas terças-feiras à noite, com agendamento prévio. Agora a idéia é que as visitas comecem no Planetário da UFSC e depois continuem no Observatório. Para a visita de escolas, é necessário marcar com antecedência (no Planetário, pelo telefone (48) 331-9241, ou com o Grupo de Astrofísica, no e-mail: astro@astro.ufsc.br ou pelo telefone (48) 331-9234).

Telescópios robóticos

O observatório também dará suporte ao desenvolvimento das pesquisas realizadas pelo Grupo de Astrofísica, do Departamento de Física da UFSC. Entre os trabalhos que são realizados estão estudos para desenvolvimento de telescópios robóticos. A robotização de telescópios permite que uma seqüência de observações seja executada de forma autônoma, sem a necessidade de um astrônomo para controlar o telescópio. O processo também se torna 'inteligente', já que o equipamento é programado para definir os objetos observar, de acordo com as condições climáticas do momento.

De acordo com os professores, este tipo de instrumento é ideal para a realização de projetos que necessitam de observações repetidas por longos períodos.

Um exemplo é o monitoramento da evolução do brilho de estrelas e de galáxias. Sistemas do gênero que o grupo vem desenvolvendo já estão sendo empregados em alguns observatórios, como o do Laboratório Nacional de Astrofísica, em Minas Gerais (este, um telescópio de pesquisa que está em fase de implantação); o Observatório de Valinhos, da USP (usado principalmente para divulgação); o Observatório do Inpe (voltado à divulgação) e o Observatório do Valongo, (também de divulgação). Estes observatórios de divulgação pertencem a uma rede financiada pela Fundação Vitae, chamada Observatórios Virtuais (www.observatoriosvirtuais.pro.br), e o Grupo de Astrofísica da UFSC foi responsável pela criação do software de operação remota destes telescópios.

Neste projeto, chamado de 'Observatórios Virtuais para o Ensino de Ciências', o Grupo de Astrofísica está trabalhando em parceria com outras universidades brasileiras, com o objetivo de viabilizar observações astronômicas pela internet, fazendo da

Astrofísica um 'chamariz' para o estudo de outras áreas, desde o inglês à matemática. Estão envolvidos no trabalho, a UFSC, a UFRGS, a UFRJ, a UFRN, a USP e o Instituto de Pesquisas Tecnológicas (INPE), além de pelo menos uma escola secundária ligada a cada uma destas instituições - no caso de Santa Catarina, a parceria é com o Centro Federal de Educação Tecnológica (Cefet/SC). "Agora teremos um salto de qualidade em nossos projetos", comemora Antônio Kanaan, um dos integrantes do Grupo de Astrofísica do Departamento de Física da UFSC. "A inauguração do Observatório é um pequeno passo que deverá representar um grande investimento. O Observatório coloca Santa Catarina e a UFSC em uma posição de destaque na astronomia brasileira", complementa o professor Raimundo Baptista, outro integrante do Grupo de Astrofísica da UFSC.

Arley Reis
Jornalista /
Agecom

Mãe canguru

Nova estrutura aprimora atendimento humanizado da Maternidade do HU

Paulo Noronha

Depois de vencer diversos percalços financeiros, o Projeto Mãe Canguru, desenvolvido pelo Hospital Universitário da UFSC para fornecer a recém-nascidos e suas famílias um atendimento mais humanizado, está prestes a funcionar com toda a infra-estrutura física e profissional planejada. Com alas montadas, equipamentos e pessoal treinado, o projeto aguarda parecer da Vigilância Sanitária. “A Vigilância nos solicitou algumas justificativas acerca do projeto arquitetônico”, explica a psicóloga Zaira de Oliveira Custódio, coordenadora do Método Mãe Canguru no HU. Segundo ela, os relatórios foram providenciados e serão encaminhados pela direção do hospital à Vigilância. Assim se espera a obtenção do parecer positivo para funcionamento da proposta em sua totalidade. Quando isso ocorrer, 24 leitos estarão disponíveis na Unidade Neonatal do HU, oito deles exclusivos para bebês prematuros e suas mães, além de todo o conjunto de equipamentos e profissionais que compõem a estrutura física e humana do projeto.

No total, serão 62 profissionais dedicados ao Método Mãe Canguru. Entre eles, 13 médicos neonatologistas, oito enfermeiras, 35 técnicos e auxiliares de enfermagem, um assistente social e um psicólogo, um nutricionista, um fonoaudiólogo, um escritor e um arte-educador. O projeto vai contar também com o apoio de professores de neonatologia do Departamento de Pediatria e estagiários dos cursos de Enfermagem, Psicologia e Serviço Social da UFSC.

No HU, juntar mães e seus filhos prematuros o mais cedo possível é uma prática que remonta a 1996. A partir de 1999, porém, a prática ganhou caráter de projeto. Profissionais estabeleceram contatos com um dos criadores do método, Dr. Hector Martinez, da Colômbia, e com a coordenadora do Instituto Materno Infantil de Pernambuco (IMIP). Logo em seguida, as conversas passaram à área social do Banco Nacional de Desenvolvimento Social (BNDES), que encampou a proposta.

O BNDES assinou um contrato com a Fundação de Amparo à Pesquisa e Extensão Universitária (Fapeu), em 2005, financiando R\$ 205 mil para execução da obra e aquisição de equipamentos e materiais. As obras começaram em julho de 2003, mas acabaram congeladas, segundo a psicóloga Zaira, por erros e problemas ético-administrativos da empre-



Recebendo parecer da Vigilância Sanitária, o Projeto Mãe Canguru vai funcionar em sua totalidade

sa licitada. Uma nova empresa foi contratada pela Fapeu em 2004, mas os recursos eram insuficientes para concluir a obra. Por fim, o HU financiou uma contrapartida de R\$ 41.769,73, para que o projeto fosse terminado.

A área destinada para o projeto é anexa à Unidade Neonatal, onde funcionava o lactário do hospital e os quartos de residentes da pediatria, setores que foram realocados. Com esta reforma, a UTI, onde acontece a primeira etapa do Método Mãe Canguru, a Sala do Cuidado Mãe Canguru, na qual ocorre a segunda, e o Ambulatório Mãe Canguru, onde se dá a terceira etapa, ficaram uma ao lado da outra. “Com isso, teremos uma nova dimensão da área física, que permitirá uma assistência humanizada ao recém-nascido prematuro e sua família em todas as suas etapas”, garante a psicóloga Zaira.

Benefícios

O Método Mãe Canguru (MMC) é benéfico para o bebê, para a mãe e para o orçamento do hospital. O bebê é amamentado por mais tempo, ganhando mais peso com menor estresse e tendo uma alta mais rápida.

A mãe supera mais facilmente a crise pelo nascimento prematuro, desenvolvendo confiança para cuidar do seu bebê e amamentá-lo, fortalecendo os laços afetivos com a criança. Para o hospital, o método aumenta a rotatividade dos leitos, já que os bebês passam menos tempo na UTI e logo ficam com suas mães, liberando os leitos na UTI para pacientes em estado grave.

Lançado em 2000 pelo Ministério da Saúde, o Método Mãe Canguru é uma política que pela primeira vez legitima numa norma a humanização da assistência neonatal. Segundo a portaria, ficam instituídas três fases. Na primeira, o bebê prematuro ou de baixo peso é internado na incubadora da UTI Neonatal, com livre acesso aos pais. Quando seu estado clínico estiver normalizado, o bebê poderá sair da incubadora por algumas horas e ficar em contato pele a pele com os pais.

Depois de ter atingido o peso mínimo de 1.250g e estabilidade clínica, o bebê pode iniciar a segunda etapa do método, quando permanece 24 horas por dia alojado com sua mãe. Nesta fase, envolto numa faixa, pas-

sa mais tempo na posição canguru. Ao lado da cama da mãe, um berço aquecido acolhe o bebê nos momentos de descanso da mãe. Quando o bebê estiver apenas mamando e a mãe estiver apta a dar banho, conhecer seus sinais físicos, etc., é que tem início a terceira fase. “É como se fosse uma “alta provisória”, na qual o bebê e sua família voltarão apenas para consultas ambulatoriais, até este obter o peso de 2.500 gramas”, explica a psicóloga Zaira.

Para ela, a eficácia do Modelo Mãe Canguru e seu caráter humanizado reflete a posição de destaque da Maternidade do HU da UFSC no cenário nacional. “É uma tradição de romper velhos paradigmas da assistência, priorizando os princípios da humanização, do respeito aos processos fisiológicos que cerca as questões do nascimento, além de oferecer um acolhimento às famílias, funcionando como uma rede social de apoio”.

Willian Vieira
Bolsista de Jornalismo /
Agecom

Combate à aterosclerose

Pesquisa mostra que a erva-mate pode trazer benefícios no tratamento da doença

A erva-mate, base de uma das bebidas mais populares do sul do Brasil, o chimarrão, pode ser um poderoso aliado no combate à aterosclerose, de acordo com os resultados da pesquisa realizada pelo professor da UFSC, Edson Luiz da Silva. Em sua tese de pós-doutorado, realizada na USP, Silva estudou as causas da aterosclerose - doença resultante da oxidação da gordura LDL e seu conseqüente depósito nas artérias - e constatou que a introdução de compostos antioxidantes poderia prevenir ou reverter os efeitos da doença. E a erva-mate tem antioxidantes de sobra.

Das diversas substâncias, os flavonóides e outros polifenóis são os mais ativos, embora os compostos polifenólicos, como o ácido clorogênico e o ácido gálico, e as saponinas, encontrem-se em maior concentração na erva-mate. A maioria delas podem ser encontradas também em outros tipos de vegetais, como o vinho tinto, a cebola, a maçã e o chá verde ou preto - todos ricos em flavonóides -, enquanto o café contém grande quantidade de ácido clorogênico. "No entanto, o que faz da erva-mate uma espécie vegetal única é a grande quantidade de compostos atuando de forma sinérgica - em conjunto - para a prevenção de doenças", afirma o professor.

Silva já vinha pesquisando o efeito antioxidante dos flavonóides desde 1998 quando concluiu seu pós-doutorado e veio lecionar na UFSC. Mas foi orientando a mestrande Ana Luiza Mosimann que a erva-mate entrou em questão. Segundo o profes-

sor, a pesquisa não foi fácil, por falta de infra-estrutura na UFSC para manter os coelhos durante o período experimental. Estes receberam uma dieta rica em colesterol, sendo então separados em dois grupos: um recebendo apenas água e outro um extrato aquoso de erva-mate. Dois meses depois, verificou-se que os coelhos que ingeriram mate tiveram um acúmulo 50% menor de placas de gordura na aorta.

"Assim, concluiu-se que a erva-mate pode inibir a progressão da aterosclerose por manter a atividade das artérias em bom funcionamento", garante o professor. Em sua dissertação de mestrado defendida recentemente, a pesquisadora Regina Felippi também demonstrou que o mate pode melhorar a reatividade vascular da aorta dos camundongos doentes. A reatividade - capacidade de contração e relaxamento das artérias, indispensável para o envio do sangue do coração para os órgãos -, acaba prejudicada em animais com aterosclerose. Um próximo passo seria a verificação deste progresso em humanos, o que já tem sido feito de forma simplificada.

Silva testou, em sua pesquisa na USP, o efeito do mate num pequeno grupo de seres humanos. Doze voluntários tiveram mostras de sangue analisadas antes e depois da ingestão de 500ml de chimarrão. Na comparação, observou-se uma significativa redução das atividades oxidantes, tanto no plasma sanguíneo quanto na LDL isolada.

Segundo Silva, a pesquisa avançará este ano com um número maior de voluntários, particularmente pacientes com concentração elevada de



colesterol no sangue e que apresentam um risco elevado para o desenvolvimento da doença. Durante dois anos, será verificada a capacidade do mate de reduzir os níveis de colesterol em pacientes com aterosclerose. "Esse efeito poderá ocorrer pela presença das saponinas da erva-mate, as quais possuem a capacidade de inibir a absorção intestinal do colesterol", adianta o professor, que espera que novas propriedades positivas do mate sejam descobertas.

Mas é importante fazer uma ressalva. Segundo o professor, alguns estudos apontaram a incidência de câncer de boca, esôfago e laringe em decorrência da ingestão de chimarrão com água extremamente quente. "Assim, prefiro recomendar o uso da erva-

mate como infusão, da mesma forma que se preparam outros tipos de chás, ou na forma de tererê (com água fria)", sugere Silva. Outra alternativa é a utilização da erva-mate em cápsulas, como suplemento alimentar ou fitoterápico.

Apesar dos resultados promissores e do envolvimento de alunos de pós-graduação, inclusive com defesas já realizadas, os testes em humanos em larga escala, fundamentais para aceitação no meio científico, só acontecerão no final do ano.

Willian Vieira
Bolsista de Jornalismo
da Agecom

Piscina para portadores de necessidades especiais

Está em fase final a obra da piscina para portadores de necessidades especiais que o Centro de Desportos está construindo. Ela deverá também servir para aquecimento de atletas que participam de competições na piscina olímpica. A obra está sendo financiada pelo Ministério do Esporte, com um custo orçado em R\$ 136.000,00. Todo o piso, desde a entrada até os acessos, é de material especial antiderrapante, que vai facilitar a entrada na água dos mais de 50 alunos que freqüentam os cursos de extensão ministrados no local pelos professores e alunos do centro.

Segundo informação do diretor do CDS, Osni Jacó da Silva, a piscina mede 10,6m X 16,1m. Com o sistema de rampa até a água, escada auxiliar e lâmina de água de pouco mais de um metro, na parte mais rasa,

os alunos poderão acessar sozinhos o local para participar das aulas. Silva observou que na piscina grande a profundidade de cerca de 1,80 m, dificultava a entrada dos alunos e a realização das atividades. Recentemente, o ministro do esporte, Agnelo Santos Queiroz Filho, esteve visitando a obra. Ele ficou satisfeito com o cumprimento rigoroso do cronograma de construção e se comprometeu a estar na UFSC para sua inauguração. Embora não tenha data prevista, o professor Osni acredita que a conclusão está próxima, uma vez que os revestimentos cerâmicos estão em fase bem adiantada e a parte elétrica em andamento.

José Antonio de Souza
Jornalista / Agecom



Rampa e escadas facilitam o acesso à piscina

Urucum tingem fibras

Produto natural pode substituir corantes sintéticos

Retângulos de algodão fel-pudo estampados alinhavam-se colados às prateleiras do Laboratório de Transferência de Massa do Departamento de Engenharia Química e de Alimentos da Universidade Federal de Santa Catarina (Labmassa-EQA-UFSC). As cores desfilam nuances de laranja, mas a bixina ali presente pode fazer o colorido variar do amarelo ao vermelho. Esse é um dos principais pigmentos do urucum, uma planta tropical que pode chegar a cinco metros de altura e de cujas sementes se extrai o popular colorau. Os pesquisadores da UFSC querem saber quais as melhores condições de extração e purificação da bixina para chegar às condições de tingimento e resistência à lavagem mais eficientes, o que tornaria viável a substituição de corantes sintéticos na indústria têxtil. Além disso, esse é o único corante natural de origem brasileira cuja importância cresce mundialmente.

O projeto, denominado Protexil, está sendo desenvolvido desde outubro do ano passado com as indústrias catarinenses Hering, Karsten e Marisol e tem o Serviço Nacional da Indústria (Senai), o Instituto Euvaldo Lodi (IEL) e a Fundação Fritz Müller como parceiros. "Um produto com corante natural passa a ter um uso nobre, com maior valor agregado", considera o professor do EQA Antônio



Carla Cabral / NUCON / CTC

Projeto Protexil é desenvolvido em parceria com empresas catarinenses

Augusto Ulson de Souza, coordenador do projeto. Ele explicou que o corante sintético é difícil de ser removido dos efluentes têxteis e seu impacto nas células das plantas, dos animais e do homem pode originar sérias mutações, como as que causam certos tipos de câncer. Já o corante do urucum é biodegradável, ou seja, é deteriorado por microorganismos.

Pureza - O nome científico do urucum é *Bixa orellana* e suas propriedades corantes são conhecidas há

séculos, tanto na culinária quanto na estética. Usado ainda hoje na indústria alimentícia para colorir caldos e molhos e se agregar a cozidos parecendo molho de tomate, é também tradicional extrato para a pintura indígena. O corante propriamente dito encontra-se no ariolo que envolve a semente e seu teor de substância ativa corresponde de 1% a 4% do peso total dessa parte da planta. Extraí-lo não é simples, pois dependendo do processo o corante se degrada.

O método mais usado, o alcalino,

utiliza uma solução de soda cáustica para obter bixina ou norbixina, que ficam concentradas na polpa. No laboratório da UFSC, foi desenvolvido um processo que resulta em um concentrado de corante com um teor de 75% de bixina e uma rota de purificação que permite obter teores de 99% de pureza.

A concentração de bixina, mostrou o professor, é medida em equipamentos sofisticados como cromatógrafo (HPLC) e espectrofotômetro. Só então ela é misturada a outras substâncias para que seja usada em processos de estamparia e/ou tingimento. A cor desejada é resultado de uma matemática que leva em conta, principalmente, a concentração dessa substância. Seria um cálculo fácil não fosse esse corante tão suscetível à degradação provocada pela luz e ao calor excessivo ou à armazenagem em lugares muito úmidos. Essas condições ocasionam a perda da sua propriedade de colorir.

Os microorganismos também são seus inimigos. Por isso os pesquisadores têm tanto cuidado nos ensaios: não só cobrem as amostras estampadas ou tingidas com plásticos pretos, mas também armazenam a substância em vidros escuros. Querem avaliar esses efeitos no laboratório.

Carla Cabral
Jornalista do Núcleo de
Comunicação do CTC

Núcleo estimula estudo da Agrobiodiversidade

A erosão genética, que caracteriza o desaparecimento de espécies e a perda do conhecimento presente em comunidades indígenas e de pequenos agricultores, é uma realidade. A questão aflige principalmente estudiosos de áreas como biologia, agronomia e farmacologia, pois limita a pesquisa sobre recursos naturais potencialmente importantes. Esta preocupação levou à criação do Núcleo de Estudos em Agrobiodiversidade (NEABio), do Centro de Ciências Agrárias da UFSC.

A proposta do Núcleo é incentivar ações participativas de conservação, manejo e uso da agrobiodiversidade, que envolve a variabilidade das plantas, animais e microorganismos importantes para a alimentação e a agricultura. A meta é estimular o desenvolvimento socioeconômico das comunidades de agricultores familiares de Santa Catarina. "Para alcançar seus objetivos, o Núcleo se propõe a manejar a agrobiodiversidade nas comunidades locais dentro de uma perspectiva socioecológica, a estimular o debate e estudar os impactos socioecológicos e as implicações sociais, políticas e jurídicas do manejo da agrobiodiversidade", explica a pro-

fessora Juliana Bernardi Ogliari.

As atividades do Núcleo aproximaram professores e estudantes da UFSC de produtores vinculados à Associação dos Pequenos Agricultores Plantadores de Milho Crioulo Orgânico e Derivados (ASSO), do Sindicato dos Trabalhadores na Agricultura Familiar (SINTRAF), de Anchieta, do Centro de Apoio para o Pequeno Agricultor (CAPA), de Maravilha, e do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) e ao Movimento de Mulheres Camponesas (MMC). Mais recentemente foi também estabelecida uma parceria com a Epagri e com duas prefeituras municipais do Oeste do Estado.

A busca de alternativas que permitam a autonomia na produção de sementes, assim como a melhoria das variedades de espécies locais, foi uma primeira necessidade detectada nas comunidades de pequenos agricultores do Extremo Oeste do Estado. Como o milho é uma das principais culturas da região, os agricultores estão contando com o auxílio do NEABio no desenvolvimento de um programa de melhoramento genético, visando a geração de novas variedades mais adaptadas às condições de manejo

agroecológico. O estudo está acontecendo a partir de uma variedade crioula escolhida pelos agricultores do município de Anchieta. "Este projeto é inovador e está sendo conduzido com a participação dos agricultores, a partir de metodologias de seleção que, até pouco tempo atrás, eram utilizadas apenas em programas de melhoramento institucionais", avalia a professora Juliana. Ela conta que, como agentes participantes do projeto, os agricultores têm acompanhado ativamente as atividades relacionadas aos experimentos de melhoramento, que estão sendo conduzidos em propriedades rurais de Anchieta. "Eles também têm tomado decisões quanto aos critérios de seleção a serem adotados durante o processo de melhoramento da variedade e, certamente, serão agentes importantes na obtenção das sementes genéticas melhoradas", complementa a professora. O trabalho também prevê a capacitação dos agricultores, que têm saído de suas localidades e participado, na UFSC, de cursos de capacitação na área de conservação de agrobiodiversidade. As ações são viabilizadas com recursos do projeto "Melhoramento genético participativo

a partir de variedade local de milho procedente do Extremo Oeste de Santa Catarina", aprovado no Edital CT-Agro do CNPq, Ministério da Ciência e Tecnologia e Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). O Edital apóia o desenvolvimento de projetos de extensão e disponibilização de tecnologias apropriadas para agricultura familiar.

No Brasil, iniciativas isoladas relacionadas à análise dos recursos genéticos vêm sendo realizadas, com a finalidade de descrever, usar, e conservar a variabilidade genética das espécies, que vêm continuamente se perdendo. Projetos na área têm surgido e estimulado a formação de parcerias entre instituições de pesquisa e representantes da comunidade civil. O Núcleo de Estudos em Agrobiodiversidade (NEABio) da UFSC também tem como desafio integrar estes segmentos em ações de pesquisa, extensão e ensino, utilizando estratégias participativas de manejo da agrobiodiversidade.

Arley Reis
Jornalista
Agecom

Um elogio à diversidade

Projeto Cinema BR traz Victor Lopes para UFSC

Anderson Porto

Victor Lopes é um moçambicano que fala português com sotaque carioca e acha o falar nordestino o português mais lindo que há. Seu filme *Língua - Vidas em Português* fala da reinvenção e apropriação da língua portuguesa. Ele espera que cada um possa “montar” seu filme a sua maneira, usando seu olhar. É uma grande, infinita e fragmentada visita à língua portuguesa, pois como disse Saramago: “Não há uma língua portuguesa, há línguas em português.” O documentário, de 105 minutos, foi filmado no Brasil, Portugal, Moçambique, Índia, França e Japão. É como um grande poema, a começar da frase que lhe serve de epígrafe e que ilustra o cartaz: “Todas as noites 200 milhões de pessoas sonham em português. Algumas delas estão neste filme”.

Língua - Vidas em Português integra a Programação do Projeto Cinema Br em Movimento, patrocinado pela Petrobrás, que leva o cinema a diversas universidades e comunidades do país. Na UFSC, a parceria com o Projeto se dá através do Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos da Imagem (NAVI) coordenado pela professora e antropóloga Carmen Rial. O NAVI é o responsável pela exibição dos filmes na UFSC e Grande Florianópolis. Este ano, o primeiro longa exibido foi *Quase Dois Irmãos*, de Lúcia Murat. O documentário de Victor Lopes, o segundo, foi exibido, em parte, dia 19 de maio, no Auditório do Centro de Convivência, para uma plateia lotada. Por problemas técnicos, não sanados após várias tentativas, optou-se por exibir o filme em outra sessão – foram feitas mais duas posteriormente. O lançamento foi muito especial, com abertura do grupo de música Odua e Victor Lopes, diretor do filme, presente à sessão. As sucessivas interrupções, por problemas técnicos, foram compensadas por



Victor Lopes no lançamento de *Língua* no Centro de Convivência da UFSC

uma conversa animada de Victor com a plateia e um debate, que transcorreu de forma agradável e enriquecedora, já que parecia haver um encantamento geral com o filme que toca sensivelmente o coração de cada um de nós, também falantes desta língua. A vinda de Victor, do Rio para Floripa, foi viabilizada graças ao apoio da Associação dos Professores da UFSC (Apufsc).

No debate, Victor contou que ele e o co-roteirista, Ulysses Nadruz, trabalharam com o que faz uma língua sobreviver – o uso no cotidiano. “É ir à esquina, pedir pão com manteiga. Abrimos o filme com o padeiro”. A idéia foi percorrer várias horas do dia, desde o amanhecer. É um filme sentimental, com personagens que vão do vendedor ambulante brasileiro ao escritor português Saramago, Nobel de Literatura, que relata: “Há 8 séculos de pessoas a falar o português”. Segundo Victor, a língua retratada no

documentário não é a das elites. Ele prova como se pode pegar uma coisa terrível como o colonialismo e mostra que isto pode ser transformado, reinventado, recriado.

Em Goa, na Índia, 60 mil pessoas falam português e lá começa a viagem do documentário, com o padeiro Rosário Macário, contando que em concani (idioma falado na região do Concão, na qual se inclui Goa) não há palavra para pão.

Em Moçambique 8 milhões de pessoas falam português, e de lá nos fala, como pura poesia, Mia Couto, escritor e biólogo, contando que o português é uma das línguas europeias que aceita muitas variações e que perdeu o dono. Outros personagens aparecem, como a Dona Rosa, que ainda pensa em português, ou um senhor que ainda conta em português.

Em Angola, milhões falam o português, 500 mil na Guiné-Bissau, no Japão 300 mil e 40 mil em Macau, na

China. A língua, para Victor, tem um papel mágico que faz com que você fale uma aqui e atravesse uma fronteira e fale outra diferente. É um exercício de alteridade. Nas ex-colônias, o multiculturalismo não é novidade, já existe há muito tempo.

Perguntado sobre o que há em comum nesses lugares, Victor afirma que é “um certo prazer de viver, uma carga sensorial, mediterrânea”. Para ele, “Portugal escolheu lugares bonitos, à beira-mar, para colônias.”

O filme ganhou o Grande Prêmio Lusofonia 2002 e foi todo feito em digital. Integrando a programação do Cinema BR em Movimento será exibido nos 27 estados, para milhares dos mais de 170 milhões de brasileiras e brasileiros que toda noite continuam sonhando em português...

Alita Diana
Jornalista /
Agecom

Boi-de-mamão

O Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI) lançou o CD *Boi-de-Mamão*. O lançamento faz parte de um projeto que existe há nove anos e é financiado pela Pró-Reitoria de Cultura e Extensão (PRCE). O objetivo é inserir valores culturais no cotidiano da educação infantil. O CD pretende socializar o *Boi-de-mamão*, que é uma das brincadeiras mais conhecidas e valorizadas do folclore local. “Mais crianças terão acesso às linguagens dessa cultura, pois antes apenas as escolas atendidas pelo projeto tinham essa oportunidade”, explica Regiane Freitas, uma das coordenadoras do projeto. Regiane completa dizendo

que é importante valorizar na vida da criança as tradições e os aspectos culturais do local onde ela mora.

A produção pedagógica do CD é de Vânia Bröening e de Regiane Freitas, que são as coordenadoras do projeto. André Rocha, que é produtor musical, foi contratado para a produção técnica e Vincenzo Berti é o responsável pela produção gráfica. A maior parte dos CDs será doada a instituições públicas de educação infantil e básica. As 250 crianças do NDI que participaram da gravação e os profissionais responsáveis também ganham uma cópia. O resto será vendido para cobrir os custos.

Museu do Brinquedo

Está exposto no segundo andar da Biblioteca Universitária da UFSC um acervo parcial do Museu do Brinquedo. Criado em 1999 pela doutora em Educação, Telma Piacentini, o Museu conta com 144 peças catalogadas. O acervo dispõe de brinquedos de madeira, cerâmica, porcelana, tecido, caixas de fósforo e até casca de nozes.

Há bonecos, marionetes, piões, ioiôs, bilboquês, petecas e carrinhos. Telma diz que há brinquedos de origem indígena, negra, alemã e de outras partes do mundo. Na visão da criadora, um museu de brinquedos revela quem somos e permite que gerações futuras saibam quem fomos.

Paulo Noronha



Além disso, é um importante local para pesquisas. A exposição é aberta ao público. As peças ficarão na BU por tempo indeterminado.

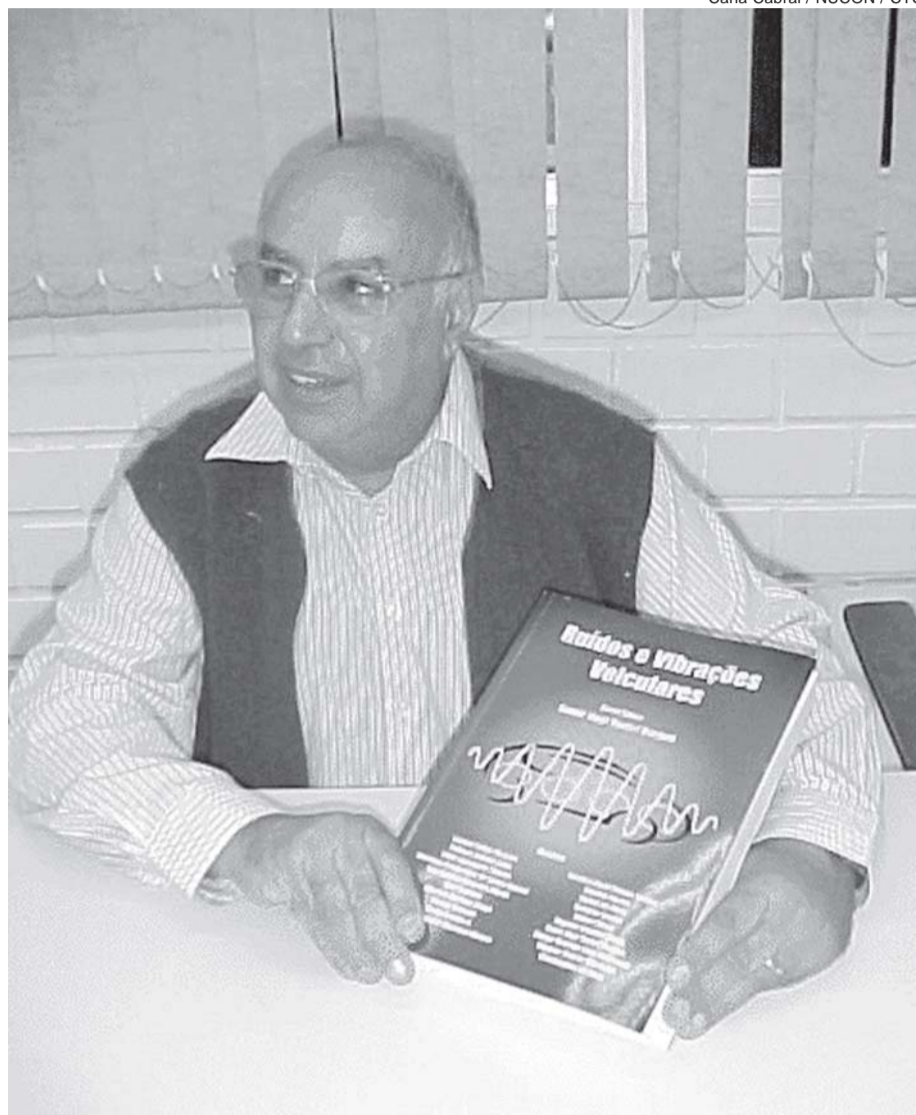
Textos: Bia Ferrari
Bolsista de Jornalismo /
Agecom

Ruídos e vibrações

Professor da UFSC lança livro sobre acústica de veículos

Para atender a uma antiga necessidade, tanto da comunidade científica quanto de profissionais da indústria automobilística, acaba de ser lançado o livro *Ruídos e Vibrações Veiculares*, organizado pelo professor do Departamento de Engenharia Mecânica da Universidade Federal de Santa Catarina (EMC/UFSC) Samir N. Y. Gerges. “A área de acústica veicular é muito carente em bibliografia. É importante suprir essa demanda por informações técnicas”, afirma. Além de Gerges, escreveram o livro os professores Roberto Jordan, do EMC, Robert Birch, da Universidade de Liverpool, e 20 alunos de mestrado e doutorado da UFSC. Depois de quase cinco anos de elaboração, a obra deve chegar às livrarias especializadas ainda este mês.

De acordo com Gerges, questões relacionadas à acústica e vibrações em veículos são consideradas áreas mais refinadas do conhecimento automotivo, ligadas ao acabamento do produto. “Cada vez mais são exigidas soluções de engenharia no que se refere ao conforto acústico de veículos, o que aumenta a necessidade de desenvolver materiais e processos para resolver problemas de ruídos e vibrações”. Na UFSC, as pesquisas nessa área estão incluídas nas atividades do Laboratório de Vibroacústica Industrial, Veicular e Aeronáutica (LARI), coordenado por Gerges. Segundo o professor, foi depois da abertura econômica promovida pelo governo Collor a partir de 1990 que as tecnologias para aumentar o conforto do motorista e reduzir ruídos internos e externos passaram ser mais focadas pela indústria automobilística nacional. Na época, o padrão dos veículos importados era muito superior ao dos produzidos no Brasil. “Não há como negar que o ruído de



Carla Cabral / NUCON / CTC

Publicação busca suprir a demanda por informações técnicas na área

um carro fabricado há três décadas – e que ainda circula pelas ruas – é muito alto. O Fusca é um bom exemplo disso”, diz Gerges. Diante da necessidade de mudança, começaram a se desenvolver pesquisas e equipamentos para quantificar ruídos e grau de conforto em veículos.

Luxo – Apesar da grande evolução verificada nas últimas décadas, a diferença de conforto vibroacústico entre carros de luxo e populares ainda é grande. “Os carros de custo mais elevado são fabricados com materiais

mais nobres, de alta qualidade e precisão, o que faz com que apresentem menos ruído e vibração do que os veículos populares”, explica o professor. Entre as fontes potenciais de ruído externo presentes em um automóvel, estão o motor – principalmente se for movido a óleo diesel –, os sistemas de engrenagem de escapamento e os pneus.

O professor Gerges ressalta que a evolução tecnológica ocorrida na indústria não foi acompanhada pela maioria das instituições de ensino de

engenharia. “No Brasil, a UFSC é uma das poucas universidades que oferece ao aluno noções básicas sobre o tema durante a graduação”. Essa falta de estudos em vibroacústica no meio acadêmico faz com que a bibliografia em português referente à área também seja escassa.

Ruído e Vibrações Veiculares oferece, em 24 capítulos, conteúdos que vão desde a propagação e transmissão de ondas acústicas até as legislações vigentes para ruído veicular, passando por questões técnicas como análise modal e medição de ruídos de pneus. A obra tem 750 páginas. “No livro, colocamos nossa experiência de mais de 25 anos de trabalho em conjunto com a indústria automobilística”, destaca o professor.

Referência nacional

O Laboratório de Vibroacústica Industrial, Veicular e Aeronáutica (LARI/UFSC) é considerado um centro de excelência na área de pesquisa, desenvolvimento e ensaios de ruído e vibrações. Além das atividades acadêmicas relacionadas a ensino e pesquisa na graduação e pós-graduação, os pesquisadores do LARI se dedicam à solução de problemas relacionados à área em grandes companhias industriais, tais como EMBRAER, Mercedes Benz, FIAT, Petrobrás, Eletrosul, Gessy Lever, Eucatex, entre outras.

De acordo com o professor Samyr Gerges, profissionais com conhecimento em acústica são cada vez mais requisitados. “A demanda está se expandindo. Por isso, os especializados não têm dificuldades em entrar no mercado. Na EMBRAER, por exemplo, dos 11 profissionais do grupo de acústica, sete são ex-alunos da UFSC”.

Débora Horn
Bolsista de Jornalismo /
Núcleo de Comunicação
do CTC

A Guerra do Contestado sob uma nova ótica

Os estudos sobre a Guerra do Contestado não são mais os mesmos. A obra “Lideranças do Contestado”, do professor do departamento de história da UFSC e doutor pela Unicamp, Paulo Pinheiro Machado, analisa o conflito não apenas de uma forma documental, mas crítica, refutando as teorias por muito tempo aceitas pela historiografia.

O livro, lançado em 2001 pela Editora da Unicamp, é uma versão modificada de sua tese de doutorado. O professor Cláudio Henrique de Moraes Batalha, que

orientou a tese de doutorado, lembra que “já houve quem dissesse que faltou ao Contestado seu Euclides da Cunha, que pudesse torná-lo tão conhecido quanto Canudos”.

Machado admite a existência de lacunas na historiografia brasileira a respeito do tema. Confessa que só soube da existência do conflito no período final de sua graduação. Percebeu também que o assunto era abordado mais por sociólogos do que por historiadores. Machado conta que no decorrer da pesquisa entendeu porque o assunto era tão pouco estudado. Havia pouca documentação dis-

ponível. Somente em 1996, em virtude do centenário de Canudos, o Arquivo Histórico do Exército (Ahex) liberou documentos, entre os quais o professor achou 32 caixas referentes ao conflito na região do Contestado. “A documentação não tinha sido liberada antes porque as Forças Armadas achavam que aquilo poderia depor contra eles”, diz o historiador.

Somando-se à documentação obtida no AHEX, estão outras conseguidas pelo próprio autor em suas doze viagens pela região. O historiador afirma que conseguiu localizar 22 sobreviventes ou descendentes

dos sobreviventes. Há fotos e depoimentos orais em seu livro.

O livro custa R\$ 30,50 pela Editora da Unicamp, mas o professor vende a R\$ 20,00 aos seus alunos. Ele próprio já vendeu ou doou aproximadamente 500 unidades de uma edição de 1800 exemplares. Os interessados podem procurar o professor no Departamento de História, ou emprestá-lo da Biblioteca Universitária.

Bia Ferrari
Bolsista de Jornalismo /
Agecom

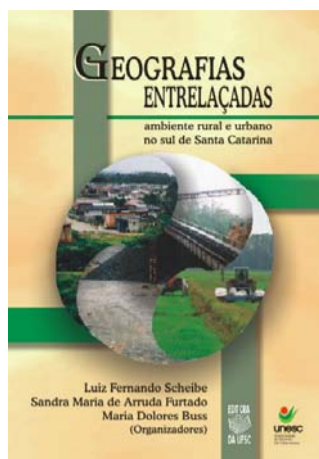
Ecológica Geografia

Lançada recentemente, *Geografias entrelaçadas – ambiente rural e urbano no sul de Santa Catarina*, livro organizado por Luís Fernando Scheibe, Sandra Maria de Arruda Furtado e Maria Dolores Buss, reúne trabalhos de 15 profissionais vinculados à turma especial de mestrado da UNESC (Convênio Capes/Fapesc), orientados por professores do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina.

É uma obra feita em regime de co-edição entre a Editora da UFSC (EdUFSC) e a Universidade do Extremo Sul Catarinense que resgata a memória urbana e os novos aspectos do desenvolvimento de Criciúma, Cocal do Sul e Sombrio e caracteriza a influência da indústria carbonífera e dos demais processos industriais, impulsionados pelos ciclos econômicos.

Os autores apresentam ainda percepções dos rizicultores, traçam um quadro dos agrotóxicos e da saúde dos trabalhadores rurais, analisam a sustentabilidade na produção familiar e as transformações na paisagem do Planalto de Lages.

Segundo o professor Luiz Fernando Scheibe, ao exercitar na prática a educação ambiental, esse trabalho contribuiu para ressaltar os aspectos positivos e negativos da qualidade de vida das crianças e de suas famílias, bem como para uma formação mais integrada dos próprios professores envolvidos no projeto.



Física descomplicada

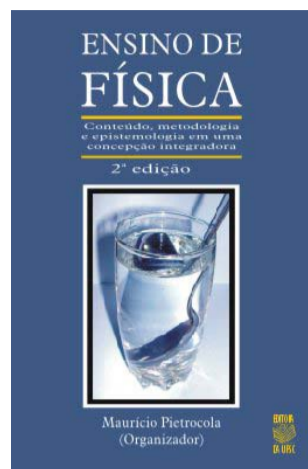
Encarando o ensino de Física dentro de uma visão avançada e interdisciplinar, e buscando difundir e socializar o conhecimento, professores da UFSC transformaram pesquisas e experiências acumuladas durante anos no livro *Ensino de Física – Conteúdo, metodologia e epistemologia numa concepção integrada*.

A obra, organizada pelo professor Maurício Pietrocola, foi publicada pela Editora da UFSC (EdUFSC) dentro da Série Geral. A proposta é integrar conteúdo, metodologias de ensino e uma discussão epistemológica acerca da natureza do conhecimento humano. Com isso, os autores imaginam contribuir para a mudança das posturas em sala de aula.

Em *Ensino de Física*, desenvolvido em nove capítulos, os autores procuraram “circunscrever o ensino de Física dentro de um contexto sociocultural amplo, fornecendo ao professor elementos que possam integrar seu ensino dentro de uma perspectiva de alfabetização científica, voltada para a formação do indivíduo e o exercício da cidadania”.

Assim como o jornalismo científico, os cientistas, ao elaborarem obras de caráter didático, ajudam a desmistificar o conhecimento e popularizam a divulgação científica, facilitando o seu acesso à sociedade.

Um dos caminhos, neste sentido, apontados pelos autores, é a alfabetização científica, que tem como ponto de partida o próprio professor que, em última análise, também é um formador de opinião.



Brandão militante

Morto há 25 anos, o escritor, pesquisador e militante comunista Octavio Brandão descança, ironicamente, numa tumba ao lado de Luís Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança. As desavenças com Prestes e a cúpula do PCB fazem parte da farta correspondência do autor reunida no livro *Cartas de Octavio Brandão – memória*, do escritor e pesquisador paulista José Roberto Guedes de Oliveira, lançado pela EdUFSC na XII Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro.

Com prefácio de Fernando Henrique Cardoso, a obra contém cobranças a Prestes diante da omissão e abandono de Octavio Brandão, deportado para a Alemanha e exilado na então União Soviética.

Articulista e editorialista, Brandão fundou jornais alternativos e trabalhou durante dez anos na Rádio de Moscou. Publicou 27 livros, entre os quais destacam-se *Canais e lagoas*, *Agrarismo e industrialismo*, *Poesia e sabedoria*, *O caminho*, *O realismo*, *O gênio de Castro Alves*, *O realismo*, *O homem* e *A natureza*. Quando faleceu, aos 83 anos (15/03/1980), outras 27 obras esperavam por uma editora.

O livro está dividido em duas partes: a primeira apresenta as cartas enviadas a amigos, parentes, intelectuais, políticos e personalidades brasileiras, revelando a sua posição, situação e condição política e social; a segunda, esta mais íntima, trata de assuntos familiares com as suas filhas.



Big Brother CFH

Big Brother Brasil, o poder e a ética de Foucault, a tradição sociológica alemã, confiança e proteção diante do vírus da AIDS (HIV), privatização das telecomunicações e cultura política.

Tem assunto para todos os gostos no número 35 da *Revista de Filosofia e Ciências Humanas* do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (RCH), publicada pela Editora da UFSC.

Um verdadeiro caleidoscópio filosófico-sociológico no qual os autores como Pedrinho Guareschi e Laura Helena Pelizzoli fazem uma análise crítica do “reality show” produzido pela Rede Globo abordando, principalmente, a questão da ética, no artigo Big Brother Brasil: a banalização do cotidiano.

Já Inês Lacerda Araújo constrói seu texto, intitulado *Foucault, um arqueogenealogista do saber, do poder e da ética*, identificando as relações entre as práticas discursivas e não-discursivas como sendo aquelas que apontam para o aparecimento do sujeito moderno e da sociedade disciplinar, controladora.

Em *A modernidade sob o prisma da tragédia*: um ensaio sobre a singularidade da tradição sociológica alemã, Adélia Ribeiro e Brand Arenari sobrevoam as tradições do pensamento na sociologia e fazem um exercício de análise das escolas epistemológicas de cada tradição.

Informações sobre a revista podem ser obtidas pelo e-mail: revista@cfh.ufsc.br

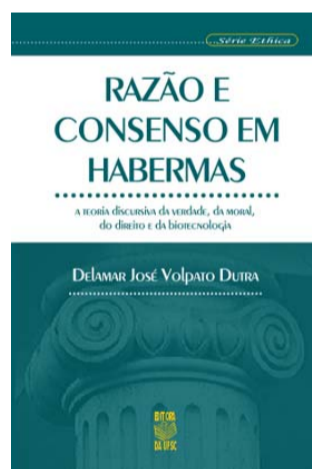


Habermas, o racional

Em janeiro de 2004, na Academia Católica da Baviera, em Munique, o filósofo alemão Jürgen Habermas e o então cardeal Joseph Ratzinger e atual Papa Bento 16, botaram, como se costuma dizer, a conversa em dia. Falaram sobre fé e razão, crítica ao capitalismo globalizado, necessidade de uma base moral nas sociedades pluralistas e midiáticas, progresso da ciência e multiculturalismo na sociedade atual.

Habermas, herdeiro da Escola de Frankfurt (formuladora da teoria crítica da sociedade), conhecido como o filósofo da “iluminação” e Ratzinger, o cardeal do dogmatismo, debateram-se sobre a necessidade de o poder ser submetido a um direito comum. Um ano depois, com o cardeal já Bento, o pensamento do filósofo pode ser conferido no livro *Razão e Consenso em Habermas – A teoria discursiva da verdade, da moral, do direito e da biotecnologia*, escrito por Delamar José Volpato Dutra e publicado pela Editora da UFSC dentro da Série Ethica.

Dutra, formado em Filosofia pela Universidade de Caxias do Sul, e em Direito pela UFSC, diz que a a filosofia de Habermas tem como tarefa delimitar uma concepção mínima de racionalidade. “O princípio da democracia, deduzido a partir da racionalidade comunicativa e da forma jurídica, será o critério a partir do qual poderá ser estabelecida a legitimidade do direito”, aponta o autor.



Língua universal

Judeu russo, médico otalmologista e lingüista nascido em em 1859 na cidade de Bielostock, no extremo norte da Polônia, Ludovico Lazaro Lomenhof criou uma língua auxiliar internacional em 1887.

O novo idioma passou a ser chamado de “Língua do Doutor Esperanto” e depois apenas Esperanto, que significa “aquele que espera”. Agora, leigos e iniciados no assunto tem uma boa oportunidade de conhecer melhor os elementos gramático-estruturais necessários para se aprender a língua. Isso porque a EdUFSC está lançando *Esperanto - Baza Kurso*, de Marco Antônio Ferreira Teixeira. “O esperanto é dotado de uma estrutura sistemática e regular. O seu vocabulário é formado a partir de raízes extraídas das principais línguas européias, aproveitando alguns afixos e o sistema de palavras por aglutinação”, explica o autor.

No livro, os conteúdos lingüísticos (gramática, vocabulário, ortografia, pronúncia) mereceram exposição detalhada, na qual figuram 16 regras fundamentais da língua e demais elementos essenciais para o seu domínio, como são os afixos, os correlativos, as preposições, as conjunções e os advérbios primitivos. “É língua viva. Mais de cem anos depois de seu surgimento, reúne hoje uma imensa quantidade de adeptos”, diz Teixeira.

Artemio Reinaldo de Souza
Jornalista / Agecom

